

## Apresentação

Eric Dunning (Universidade de Leicester)

A publicação de Ademir Gebara *Conversas sobre Norbert Elias* é, sob qualquer aspecto imaginável, um evento notável e significativo. O livro sinaliza o fato de que, sob a liderança do Professor Gebara, os historiadores e sociólogos brasileiros colocaram-se na dianteira, no continente americano, do envolvimento acadêmico com o pensamento de Elias. Nesta introdução, o que me proponho a fazer é escrever um pouco sobre os três entrevistados: Johan ('Joop') Goudsblom, Stephen Mennell e eu mesmo; e também como e quando nos tornamos associados e profundamente envolvidos no que poderíamos chamar 'O Projeto Elias', o desenvolvimento e a divulgação do figuracionismo, o que significa precisamente a sociologia e a história científicas. Em seguida discorrerei brevemente sobre a questão da aceitação mais generalizada dos trabalhos de Elias, finalizando, também com breve discussão, o porquê, comparado com outros lugares, ele continua negligenciado e ignorado no universo sociológico da língua inglesa.

Encontrei pela primeira vez Norbert Elias em 1956, quando iniciei meus estudos no Colégio Universitário de Leicester - o qual se tornaria a Universidade de Leicester em 1958, para conseguir meu bacharelado em Economia. Rapidamente descobri que não tinha inclinação para Economia então, mudei para Sociologia. Foi desta maneira que encontrei Elias pela primeira vez. Ele havia deixado a Alemanha nazista em 1933 e para resumir uma longa história, conseguiu o prestigioso posto de professor de sociologia no Colégio Universitário de Leicester em 1954, dois anos antes de minha entrada. Tornou-se meu tutor e também meu professor de Sociologia e de Psicologia Social. Isso significa que ele me dava aulas por sete horas semanais durante

meus dois primeiros anos acadêmicos, e durante cinco horas, no terceiro ano. Depois disso, tornei-me seu orientando na pós-graduação e, posteriormente, seu colega e colaborador. Fiquei fascinado desde o começo por suas sínteses nas aproximações dos objetos. Mais particularmente, (ainda que eu apenas compreendesse isso vagamente, de início), eu estava fascinado pelo fato de que ele estivesse fazendo um grande e tenaz esforço para construir os fundamentos de uma síntese: de um lado, entre a Sociologia, a Psicologia e a História; e de outro, entre as idéias centrais de Comte, Marx, Weber, Simmel, Mannheim e Freud. Entre outras coisas, isso me possibilitou enfrentar a discussão em casa com meu irmão mais velho, então marxista.

É também notável que Elias tenha dado a devida atenção a autores pouco lembrados, através da inclusão das idéias de Comte e Mannheim, em sua síntese da sociologia do conhecimento, um objeto de estudos sobre o qual ele colocou considerável foco e perspectiva e sobre o qual os dois outros autores fizeram importante contribuição. Elias também fez contribuições importantes a este respeito, de fato cruciais para entender o '*Ueber den Prozess der Zivilization*' - o que freqüentemente não é bem compreendido. Isso é decisivo porque é importante entender que Elias escreveu sobre pessoas que ACREDITAM elas mesmas serem 'civilizadas', não pessoas que SÃO 'civilizadas' em um sentido absoluto. O grau no qual elas são factualmente civilizadas apenas pode ser determinado através de uma pesquisa exaustiva.

Desde o início eu me convenci da força e originalidade do trabalho de Elias; contudo, isso não era verdadeiro para muitos de meus colegas de Leicester nos anos 1950 e 1960. Norbert recebeu um sólido apoio de nosso chefe de departamento, russo de nascimento, Ilya Neustadt (Elias e Neustadt formaram uma dupla formidável em Leicester durante os anos 1970: o primeiro, no trabalho acadêmico; o segundo, na política universitária). Não ocorreu o mesmo com os outros meus colegas, o que inclui mais precisamente, Anthony Giddens, John H. Goldthorpe e Percy Cohen. Eles entendiam a sociologia de Elias como uma velha relíquia da desacreditada tradição 'evolucionista' de Spencer, Hobhouse e Ginsberg e vendida como uma alternativa às idéias

de Parsons e Popper, especialmente às propostas por Popper em seu *'Poverty of Historicism'*, (Routledge and Kegan Paul, London, 1957). Eles tentaram arduamente, mas sem sucesso, converter-me à sua maneira de pensar, com argumentos do tipo: 'Elias está tentando formar um séquito'; 'Suas idéias são mais religiosas do que científicas'; 'Ele nunca publica nada'; 'Ele não publicou muito nos anos imediatamente posteriores à Segunda Grande Guerra; então, não podemos desmontar seus argumentos. Ele sempre pode dizer: 'Vocês não me entenderam'. Eu gostaria de ter dito naquele momento, em resposta: 'Talvez vocês devessem aprender alemão, então vocês teriam sido capazes de ler *'Ueber den Prozess der Zivilisation'* (O Processo Civilizador) tal como eu li. Se tivessem lido, então vocês teriam visto que ele escreveu um livro da maior importância.' Infelizmente, esta resposta não estava dentro da minha cabeça até cerca de 30 anos depois.

Minha confiança em relação a Elias e seu trabalho recebeu um substancial reforço em 1962, quando eu descobri que Norbert tinha ao menos um outro defensor de suas idéias além de mim. Tratava-se de Joop Goudsblom, da Universidade de Amsterdam, que havia lido e admirado *'Ueber den Prozess der Zivilisation'* e visitado Norbert em Leicester naquele ano, para discutir este livro. Joop estava muito perto de se tornar uma figura proeminente na Escola de Sociologia Configuracional de Amsterdam, a escola líder nos Países Baixos, que produziu algumas figuras notáveis como Cas Wouters, Christien Bninkgreve, Abram de Swaan, Godfried van Benthem van den Bergh, Pieter Spierenburg e Nico Wilterdink. No conjunto das obras publicadas por Joop Goudsblom, *'Sociology in the Balance'* (1977) e *'Fire and Civilization'* (1994) são, em minha opinião, as mais importantes. Também importante é seu mais recente trabalho sobre 'a antroposfera', que fez uma contribuição significativa e original para o que podemos chamar 'sociologia ecológica' ou 'a sociologia do meio ambiente'. Dentre todos os sociólogos configuracionais, até hoje, Joop, agrada-me pensar, é o melhor talhado para receber o manto de Elias.

Foi em torno de 1967 ou 1968 que Stephen Mennell juntou-se a nosso pequeno e emergente grupo. Este foi um outro evento

significativo, pois Stephen estava justamente trabalhando '*Sociological Theory: Uses and Unities*' (1974), o primeiro livro texto em Inglês em que houve um tratamento extensivo e acurado, com referências ao trabalho de Elias estavam presentes. Posteriormente, ele publicou seu magistral '*Norbert Elias: an Introduction*' (1989-1992), certamente uma das melhores introduções ao trabalho do grande sociólogo, jamais escrito. Stephen aproximou-se de Elias enquanto ajudava Grace Mornissey com a tradução para o inglês do '*What is Sociology?*'. Stephen me contou que ficou impressionado, em especial com o capítulo sobre 'modelo de jogos', em minha opinião, uma das melhores discussões sociológicas sobre o poder. Dito tudo isso, Stephen é, naturalmente, mais do que um escritor de livros-texto. Seu '*All Manners of Food*' (1985) fez uma tremenda contribuição original à sociologia do alimento e da comida, e seu prestes a aparecer '*The American Civilizing Process*' será, certamente, um outro texto de referência.

Creio que nós três juntos - Johan Goudsblom, Stephen Mennell e eu (sem mencionar neste momento Richard Kilminster, Cas Wouters e muitos outros), ajudamos a atingir essa situação atual na qual Norbert Elias viu-se resgatado da solidão e, crescentemente, reconhecido como um dos sociólogos de ponta do Século XX. Eu e Stephen, lamentamos muito não termos conseguido convencer mais estudiosos no mundo de língua inglesa a respeito do valor e importância do trabalho de Elias. Porém, nós estamos muito empolgados com sua crescente reputação em alguns pequenos círculos no Brasil, e estamos certos de que Norbert certamente estaria muito grato e orgulhoso com isso. Mas na Grã-Bretanha, Austrália, Canadá e Estados Unidos, a situação é desanimadora.

O sociólogo americano Alan Sica, da Universidade da Pensilvânia, colocou o dedo no ponto em um e-mail para Chris Rojek, o qual ele me permitiu citar: 'A razão pela qual os americanos não se apropriam de Elias é porque ele escreve sobre a História e as mudanças culturais européias, e os sociólogos americanos não se sentem confortáveis com isso...; também porque ele é teoricamente muito ousado e sintético e eles não

caminham nessa direção; porque ele desmonta o Parsons, a quem eles admiraram em outros tempos; porque também ele poderia ser tomado por um Freudiano, de quem eles não gostam; porque ele apresenta algumas qualidades extremamente desagradáveis da humanidade, de que eles particularmente não gostam; porque ele escreveu de fato uma grande obra, que exige um longo tempo de leitura, e eles não têm tempo; e porque 'figuração' é uma palavra que tem um efeito conotativo distinto neste país, soa como história da arte...'

Somado a tudo isso, creio, está o fato de que os sociólogos de língua inglesa não têm tido a retaguarda intelectual necessária para defender as fronteiras de sua área de estudos, tendo em vista o assalto dos últimos quarenta e tantos anos dos estruturalistas, estruturalistas marxistas, pós-estruturalistas, pós-modernistas e dos estudos culturais. Elias oferece as armas com as quais podemos lutar, contudo, isso não tem sido ainda amplamente reconhecido no mundo de língua inglesa. No Brasil, por outro lado, é diferente. Como Ademir Gebara me disse há alguns anos, Elias tem ajudado os sociólogos brasileiros a avançar em relação a Marx inclusive incorporando sua contribuição e por outro lado, evitando Foucault. Em uma palavra, ele os tem ajudado a evitar a metafísica, mantendo-se uma perspectiva científica. Tomara que o caminho dos sociólogos e historiadores brasileiros possa perseverar nessa rota. Espero também que eles achem as entrevistas publicadas aqui interessantes, e que os auxiliem. Finalmente, possa também o Simpósio Processo Civilizador, nosso ponto de encontro, continuar a florescer.